

## Os vizinhos dos catadores de lixo

Até o final da campanha eleitoral de 1994, os catadores de lixo agrupados em volta Aterro Sanitário de Brasília tinham como vizinhos os urubus e ratos. A partir daí, naquela terra esquecida, em pouco tempo formou-se a maior e mais conflituosa invasão do Distrito Federal.

Noventa famílias moravam no Lixão em 1991. Três anos depois, 528 grupos familiares catadores de lixo. No ano seguinte, com a chegada dos novos invasores, mais de mil barracos indicavam que a população dobrou em doze meses.

A nova vizinhança montou seus barracos longe do lixo e perto da pista. Os líderes dos invasores, Marlene Cavalcante Mendes, e seu companheiro João Joaquim Batista, fundaram a Asmoe, Associação de Moradores da Estrutural.

Por três anos, os moradores ligados à Asmoe fizeram um pouco de tudo. Agrediram funcionários públicos, quebraram o escritório local do Idhab, incendiaram o posto policial. Colocaram a polícia para correr a pedradas. Vez por outra, fechavam a pista da Estrutural (EPCL) para protestos iluminados com pneus em chamas.

No dia 8 agosto, uma pesada operação policial — com direito a cães, cavalo, helicóptero e bombas de efeito moral — mostrou que mudaria o tratamento dispensado pelo governo aos invasores, ainda que isto desgastasse o slogan “popular e democrático”. A partir daquela data, a área passou a ser administrada pela Polícia Militar.

Mas o desgaste da Asmoe começou bem antes da guerra campal. Foi em 1995, quando o governo de Cristovam Buarque manteve o veto a criação da Cidade Estrutural, projeto do deputado distrital José Edmar (PMDB).

De lá para cá, nem mesmo os políticos da oposição dão armas às pretensões dos invasores. Por duas vezes, os oposicionistas esvaziaram o plenário ou enrolaram o companheiro José Edmar na sua eterna tentativa de fixar a Estrutural.

Jefferson Rudy



Formado às margens do Lago em 1956, o Acampamento da Telebrasília fere tombamento de Brasília, segundo Iphan